

Capítulo I

A precipitação média de chuva em South Lake Tahoe, Califórnia, não passava de oito centímetros por ano. No entanto, Eleanor teve certeza de que os céus estavam despejando tudo de uma só vez, a julgar pela chuva torrencial estrondando contra o teto do Range Rover.

Sentada no banco do passageiro com o cinto de segurança travado, Eleanor mantinha a cascata espessa de cabelos puxados para trás, presos com uma presilha de tartaruga na nuca. Havia emagrecido e sua tez pálida denotava cansaço, mas ainda era dona de uma beleza encantadora.

Ela apertou os dedos, retorcidos com ansiedade sobre o ninho de seu colo e olhou para Naima, sentada atrás do volante.

A jovem negra transbordava exuberância. Tez e olhos cor de chocolate, ela usava os cabelos pretos cortados tão rentes ao couro cabeludo que mais pareciam uma sombra encobrindo a pele de ébano. O corpo longilíneo e forte mostrava linhas elegantes e curvas musculosas. A beleza exótica das feições delicadas emprestava-lhe aura quase régia.

Juntas, as duas observavam o Celestial Motor Lodge, um velho motel imitando o estilo Tudor. Com estuque branco desgastado e fachada de madeira, era uma construção relativamente anódina que se tornava ainda mais sem brilho sob o manto de chuva.

Não havia muito para ver. A camareira empurrava um carrinho pesado com pilhas de roupas brancas dobradas e rolos de papel higiênico ao longo da passarela do toldo coberto. Uma mulher jovem, afro-americana, de pele um tom mais claro que o de Naima, havia retornado pouco antes de a chuva começar. As roupas molhadas de suor indicavam que tinha se aventurado a enfrentar a intempérie e saído para uma corrida matinal.

A mulher entrou num dos quartos do motel, e surgiu novamente, cerca de vinte minutos depois, trajando calça jeans e um pulôver de lã de mangas compridas.

Ambas viram quando ela parou na porta vizinha, ergueu o punho e bateu contra a madeira.

— Quem você acha que é? — Eleanor indagou, enquanto os limpadores de pára-brisa deslizavam contra o vidro, formando arcos que lhe concediam uma breve visão da jovem, rapidamente obscurecida sob a película de pingos de chuva.

— O nome dela é Angelina Jones — Naima respondeu quando a porta do quarto se abriu e a mulher entrou.

Naima usava livremente suas habilidades telepáticas, o que teria sido desaprovado pelos membros da Confraria de Kentucky. Sem inibição ou reserva, ela abria a mente e recolhia tudo o que queria ou precisava saber.

— O apelido dela é Lina. Está viajando com eles. — Enviou um olhar de soslaio para Eleanor. — E está dormindo com Brandon.

A porta abriu novamente e um homem apontou a cabeça pela fresta. Ele estreitou os olhos, com as sobrancelhas arqueadas, e avaliou os arredores com uma careta.

— Deve ser René — disse Eleanor.

— Sim. — Eleanor não teve de olhar para Naima para saber que a expressão dela se tornou carrancuda. Era óbvio em sua voz. — Deve ser.

— Ele sentiu nossa presença.

— Não. — Naima abanou a cabeça. — Ele não pode. Eu o estou bloqueando.

— Isso não vai funcionar, não é? — Eleanor perguntou quando mais uma vez os limpadores abriram um clarão no pára-brisa. — Ele é como você.

— Não. — A carranca de Naima se aprofundou. — Ele não é.

O homem, René, foi para dentro, fechando a porta atrás dele.

— Vamos. — Eleanor alcançou o cinto de segurança e desafiou a trava. — É quase meio-dia. Certamente eles estão acordados agora.

— Você prometeu que ia esperar — afirmou Naima, segurando-a pela manga do casaco, os olhos escuros se iluminando com súbito alarme.

— Não, eu nunca prometi nada.

Ela puxou o braço, deslocando a mão que a prendia, e saiu do carro, batendo a porta com força contra os protestos assustados de Naima.

A chuva torrencial a encharcou imediatamente, e ela puxou o casaco e fechou o colarinho, tentando se proteger enquanto corria pelo estacionamento.

Quando chegou ao abrigo da passarela coberta ao longo do comprimento do motel, Naima agarrou-a novamente. Sem fôlego e encharcadas, as duas mulheres deixaram poças sob os pés.

— Nós temos de voltar — Naima insistiu, salpicando a água de seus lábios. — Você vai precisar do seu medicamento em breve. Michel me fez prometer...

— Eu estou bem. Michel é como uma mamãe-galinha. — Eleanor juntou os dedos simulando um bico de pássaro, que usou para cutucar o braço de Naima. — Eu não tenho tempo para o cuidado irritante dele.

Ela se virou, porém Naima puxou-lhe o casaco, impedindo-a mais uma vez.

— O homem naquele quarto... — Ela desviou o olhar em direção à porta, com expressão sombria. — Ele tem uma arma.

Eleanor sorriu, e os cantos da boca se curvaram.

— Você não vai deixá-lo atirar em mim.

Quando ela caminhou em direção à porta do quarto do motel, Naima não tentou detê-la.

— Não, mas eu deveria — murmurou enquanto a seguia, alto o suficiente para Eleanor ouvir.

Assim que Eleanor levantou a mão para bater na porta, esta se abriu, assustando-a. Levou um momento com os olhos arregalados, surpresa ao perceber que estava cara a cara com a mira letal de uma pistola apontada diretamente entre seus olhos. Perceptível apenas através de sua visão periférica, já que estava muito ocupada em focalizar o orifício negro impenetrável diante dela, Eleanor avistou René empunhando a arma. Os cabelos do homem que ela vira anteriormente na porta caíam em desalinho sobre o rosto, e as sobrancelhas franzidas sombreava os olhos.

— *Bon jour* — saudou, em voz baixa e ameaçadora. Para além dos ombros dele, Eleanor teve um vislumbre da jovem, Angelina Jones, e outra mulher, de pele clara e cabelos escuros, sentada na borda da cama, parecendo tão fraca e exausta quanto Eleanor se sentia.

Tessa.

— Bang! — René disse, e o dedo se flexionou lentamente no gatilho. — Você está morta, *chère*.

Naima se precipitou sobre ele antes que o dedo completasse o movimento. Estendeu a mão, e René voou pelo ar como se tivesse sido puxado para trás por um conjunto de cordas invisíveis. Ele atravessou o quarto de motel e colidiu com um grande espelho sobre a pia do lavabo, estilhaçando o vidro. Com um grunhido sem fôlego, soltou a arma ao cair no chão, cercado por uma chuva de reluzentes cacos tilintando.

— René! — Tessa gritou, pondo-se de pé.

Os olhos de Naima se tornaram negros, com as pupilas dilatadas. Quando ela virou a cabeça para encarar Lina e Tessa, a mandíbula se alargou, distendendo as presas.

— Jesus! — Lina agarrou o mais próximo de uma arma que pôde encontrar, uma luminária de bronze. — Tessa, fique atrás de mim!

Com um movimento preciso, ela balançou a peça no ar como um taco de beisebol, acertando a base retangular na lateral da cabeça de Naima. Ao se posicionar para outro ataque, porém, a luminária voou de sua mão como se tivesse sido puxada por garras invisíveis.

Lina recuou, os olhos arregalados pelo choque e pavor, e pestanejou ao ver a luminária pendurada no ar, girando em círculos acima da cabeça.

— O quê... — engasgou, passando o olhar entre o objeto e Naima. — Mas que diabos...?

Ela foi interrompida pelo grito assustado quando René cambaleou e atacou a jovem, rompendo sua concentração. A luminária caiu, fazendo-a dançar, desajeitadamente, para sair do seu caminho enquanto os dois tombavam pesadamente sobre o tapete.

Como as dela, as pupilas de René também estavam dilatadas,

encobrendo os olhos com a escuridão, e as presas se mostravam, totalmente expostas. Ele montou-a, com uma das mãos apertando fortemente a garganta e a outra com o punho cerrado, pronto para atacar.

— Naima! — Eleanor gritou no momento em que a jovem se concentrou e puxou René de cima dela, jogando-o contra o teto e prendendo-o ali, imobilizado contra o gesso.

Ao som da voz de Eleanor, Tessa virou-se e a viu com clareza, pela primeira vez. Ela arregalou os olhos, e o tom afogueado do rosto foi abruptamente drenado para o pálido.

— Tessa... — René rangeu os dentes, os tendões em seu pescoço destacando-se enquanto se esforçava contra a força invisível, lutando para se mover. O rosto estava cheio de cortes e arranhões do espelho quebrado, e filetes de sangue fluíam em linhas finas da testa e do couro cabeludo. — Lina... Vocês duas... Corram!

Eleanor viu a enxurrada de emoções no rosto de Tessa quando a reconheceu: choque, tristeza, descrença, alegria e, inexplicavelmente, indignação. Mas os olhos se voltaram para Lina quando o clique do gatilho de uma arma sendo puxado ecoou. Mais uma vez, ela se viu diante do cano de pistola de René, só que agora, nas mãos de Lina, que balançava a arma entre ela e Naima com os olhos arregalados pelo pânico e o braço trêmulo pelo medo.

— Deixe-o! — ela gritou com voz rouca e estridente.

Naima encontrou seu olhar, friamente. A base da luminária havia ferido seu lábio inferior e ela passou os dedos com delicadeza sobre o ferimento, limpando o sangue.

— Eu disse para deixá-lo! — Lina gritou. — Agora mesmo, ou eu atiro!

— Lina!... — René engasgou, ainda preso no teto, com o rosto corado pelo esforço para se mover. Seus olhos se voltaram desesperadamente para Tessa. — Tessa, corra... Pelo amor de Deus!

— Eu sou policial! — A pistola tremeu com violência na mão de Lina, e ela usou a mão livre para sustentá-la e manter o alvo. — Vou atirar em você, eu juro por Cristo! Pare com tudo o que está fazendo e deixe-o ir. Agora!

— Está tudo bem. — Tessa entrou diretamente no campo de visão de Lina, movendo-se entre a pistola, Eleanor e Naima com as mãos estendidas. — Lina, abaixe a arma.

— Você está louca? — Lina a encarou, perplexa. — Tessa, saia da frente!

— Lina, por favor, abaixe a arma. Está tudo bem. — Ela se virou para a porta, e Eleanor se deparou com a raiva brilhante e visível nos olhos escuros. — Esta é minha avó.